



HANNAH HOWELL



OS MURRAYS • 1

O DESTINO

das Terras Altas



Hannal Howell

O DESTINO
DAS TERRAS ALTAS



CAPÍTULO UM

Escócia, primavera de 1430

— **L**evaram o pequeno Eric.

Balfour Murray, senhor de Donncoill, ergueu os olhos do espesso cozido que saboreava e franziu o cenho para seu oficial. James, um homem muito forte, parecia sujo, cansado e pálido de preocupação. Poucas coisas eram capazes de inquietar o plácido James. Balfour sentiu um nó de ansiedade se formar no estômago e lhe tirar o apetite.

— “Levaram”? O que isso significa? — perguntou ele, enxaguando a boca com uma golada do rico vinho tinto.

James engoliu em seco, desconfortável, remexendo os pés e fazendo farfalhar os juncos frescos que cobriam o chão do salão principal.

— Sequestraram o rapaz — confessou ele, fitando o alto e moreno senhor de Donncoill com uma mistura de vergonha e cautela. — Estávamos caçando quando fomos cercados por cerca de doze homens. Colin e Thomas tombaram em batalha. Que Deus acolha suas almas corajosas, pois conseguiram derrotar o dobro de homens antes. Havia uma abertura na linha do inimigo, então chamei Eric para fugirmos. Conseguimos passar, mas o cavalo do garoto não era muito veloz. Antes que eu pudesse ajudá-lo, ele foi capturado e levado. Eu não era de nenhum interesse para eles, então consegui correr de volta para cá.

Sem demora, Balfour mandou um jovem pajem buscar seu irmão.

— Quem levou o garoto?

— Homens de Beaton.

Não era surpresa para Balfour que sir William Beaton causasse problemas. Já fazia muitos anos que o senhor de Dubhlinn era um transtorno na vida dos Murrays. No entanto, Balfour estava perplexo por Beaton ter sequestrado justamente Eric. O rapaz era fruto de um breve relacionamento entre o pai de Balfour e uma das falecidas esposas de Beaton. O cruel ho-

mem abandonara o recém-nascido numa encosta para que morresse. Fora um mero acaso que pusera James naquele mesmo caminho, ao retornar de uma caçada. O pequeno Eric estava embrulhado em um tecido nas cores do clã Beaton, e o pai de Balfour logo descobrira quem a criança era. Todos os Murrays ficaram estarelecidos com o fato de Beaton abandonar um bebê indefeso à própria morte – e furiosos por ele haver tentado matar um Murray de forma tão cruel.

Os Beatons sempre haviam sido um aborrecimento, mas, a partir daquele dia, se transformaram no grande inimigo dos Murrays. Balfour sabia que o pai sentia um ódio profundo de Beaton, um sentimento alimentado pela morte repentina e muito suspeita da mulher que ele amava. A rixa decorrente disso fora intensa e sangrenta. Balfour imaginara que a morte do pai lhes traria um pouco de tranquilidade, mas ficava cada vez mais claro que o senhor de Dubhlinn não estava interessado em paz.

– O que Beaton poderia querer com Eric?

De repente, Balfour ficou tenso, apertando o pesado cálice de prata com tanta força que os desenhos em relevo ficaram gravados na palma de sua mão.

– Você acha que ele quer assassinar o garoto? Terminar o que tentou fazer tantos anos atrás?

James franziu o cenho por um momento, pensativo.

– Não – respondeu. – Se Beaton quisesse isso, teria mandado seus cães matarem o rapaz no ato, em vez de raptá-lo da forma como fizeram. Houve planejamento por trás disso. Não foi por acaso que os Beatons cruzaram nosso caminho e decidiram que era um ótimo dia para abater parte do contingente dos Murrays. Aqueles homens estavam à espreita, esperando por nós, por Eric.

– Isso não quer dizer muita coisa, só que estamos ficando perigosamente descuidados. Ah, Nigel! – murmurou Balfour quando seu irmão mais novo adentrou o salão principal. – Ainda bem você veio tão rápido.

– O rapaz que trouxe seu recado falou algo sobre Eric ter sido sequestrado, não foi? – inquiriu Nigel, esparramando-se em um banco ao lado de Balfour e enchendo um cálice de vinho.

Balfour se perguntou como Nigel conseguia se manter tão calmo. Então notou que o irmão segurava o cálice com a mesma ferocidade que ele, tão forte que os nós de seus dedos estavam brancos. Além disso, os olhos cor

de âmbar de Nigel estavam tomados por uma expressão tão severa que as íris ficavam obscurecidas a ponto de se assemelharem ao castanho-escuro dos olhos de Balfour. O irmão mais velho concluiu que nunca deixaria de admirar o outro por conseguir controlar emoções tão fortes.

Balfour relatou de forma sucinta o pouco que sabia, então aguardou, impaciente, até que Nigel parasse de tomar seu vinho e dissesse algo.

– Beaton precisa de um filho – declarou Nigel, por fim, e a frieza em sua voz grave era o único indício da fúria que sentia.

– Mas ele descartou Eric anos atrás – argumentou Balfour, fazendo um gesto para que James se sentasse com eles.

– Sim, porque ele ainda tinha muitos anos para conseguir produzir um herdeiro. E falhou. A Escócia está entupida das filhas de Beaton, paridas tanto por suas esposas quanto pelas amantes, prostitutas e até mesmo pobres mocinhas arredias que tiveram a má sorte de cruzar o caminho dele.

James concordou em silêncio, correndo os dedos pelos cabelos pretos que já ficavam grisalhos.

– E ouvi dizer que o sujeito não está nada bem.

– Ele está às portas da morte, batendo alto e bom som – comentou Nigel, arrastando as palavras. – Os parentes, inimigos e vizinhos mais próximos já fecharam o cerco em cima dele. Ele não nomeou herdeiros. Deve ter medo de escolher alguém, pois o homem que ele escolhesse iria, sem dúvida, apressar sua morte. Os lobos estão rondando seu portão, e ele está lutando desesperadamente contra eles.

– Quando abandonou Eric na colina, ele disse ao mundo e à mãe que não acreditava que o bebê fosse dele – ressaltou Balfour.

– Eric se parece mais com a mãe do que com os Murrays. Beaton poderia legitimá-lo. Sim, pode ser que poucos acreditem nele, mas ninguém poderá fazer nada, já que o rapaz é filho da esposa de Beaton. Ele só precisa alegar que estava cego de ciúmes na época em que acusou a esposa de traí-lo com nosso pai. O sujeito é dado a surtos de raiva; todos sabem disso. Talvez alguém pudesse questionar se Eric é mesmo fruto da semente dele, mas ninguém poderia duvidar que Beaton, tomado pela raiva, teria sido capaz de abandonar um bebê à morte, ainda que fosse o próprio filho.

Balfour praguejou e correu os longos dedos pela espessa cabeleira castanha.

– Então aquele desgraçado pretende colocar Eric entre ele e seus inimigos.

– Não tenho provas de nada disso, mas, sim, essa é a minha teoria.

– Juntando suas palavras a tudo o que sei sobre o sujeito e o que tenho ouvido ultimamente, parece que sua teoria chega muito perto da verdade. Eric é jovem demais para ser atirado naquele ninho de cobras. Ele ficará a salvo enquanto Beaton viver, já que os homens se mantêm leais a ele por medo. Só que, depois que o sujeito ficar enfraquecido demais pela doença para ser temido, ou quando morrer, acredito que Eric não vá durar muito.

– Verdade. Talvez nem tenha tempo para ver o enterro do desgraçado. Não podemos deixar Eric lá. Ele é um Murray – falou Nigel.

– Eu sequer cogitei em deixá-lo com os Beatons, embora ele tenha tanto direito quanto qualquer outro de reivindicar o pouco que Beaton deixar para trás. Só estava me perguntando quanto tempo teremos para libertá-lo das garras mortais daquele homem.

– Talvez dias, talvez meses, até mesmo anos.

– Ou, quem sabe, algumas horas – concluiu Balfour, dando um sorriso sinistro quando Nigel deu de ombros, revelando que concordava com ele.

– Devemos partir para Dubhlinn o mais rápido possível – disse James.

– Sim, é o que parece – concordou Balfour.

Ele praguejou, tomando longos goles de vinho na tentativa de se acalmar. Outra batalha estava por vir. Mais bons homens perderiam a vida, deixando mulheres enlutadas e crianças órfãs. Balfour odiava essa situação. Não tinha medo de lutar. Em defesa de seu lar, da Igreja ou do rei, ele era o primeiro a vestir a armadura. No entanto, o que o incomodava eram os constantes banhos de sangue causados pelas rixas entre os clãs. Muitos homens já haviam morrido porque o pai dele havia se apaixonado e dormido com a mulher de outro senhor, e outros ainda morreriam para tentar salvar a criança que era fruto daquela união adúltera. Embora Balfour amasse o irmão e achasse que era válido lutar por ele, aquilo era só mais um capítulo de uma longa contenda que jamais deveria ter começado.

– Partiremos para Dubhlinn amanhã, ao raiar do dia – declarou Balfour, por fim. – James, prepare os homens.

Assim que James deixou o salão principal, Nigel reconfortou o irmão.

– Nós vamos vencer, Balfour, e vamos trazer Eric de volta.

Balfour estudou o rosto do irmão, perguntando-se se o otimismo que ele expressava era genuíno. Nigel era exatamente como ele em muitos aspectos, mas era tão diferente em tantos outros a ponto de ser um enigma para ele. Além de ser mais claro quando se tratava de pele e cabelos, Nigel

também tinha uma personalidade mais luminosa. Balfour não se admirava de que o irmão levasse mais jeito com as mulheres do que ele, pois tinha a conversa doce e o jeito charmoso de que o irmão mais velho carecia. Nigel também fora agraciado com traços mais belos. Ao se olhar no espelho, Balfour sempre se perguntava como um homem podia ser tão marrom quanto ele – dos cabelos castanhos aos olhos escuros, passando pela pele morena. Às vezes, precisava lutar contra o gosto amargo da inveja que sentia da aparência de Nigel, principalmente quando via as moças suspirarem pelos cabelos cheios e castanho-avermelhados, os olhos cor de âmbar e a pele dourada do irmão mais novo. Naquele momento, como em tantas outras vezes, Balfour desejou ter o mesmo otimismo de Nigel a respeito da batalha que estavam por enfrentar. No entanto, o que ele sentia era que marchariam em direção à morte e poderiam até causar a de Eric. Balfour decidiu que faria um esforço para encontrar um meio-termo entre esses pontos de vista.

– Se Deus estiver conosco, sim, nós iremos vencer – sentenciou Balfour, por fim.

– Salvar um garoto doce como Eric de um bastardo como Beaton há de ser uma causa merecedora da bênção de Deus – ressaltou Nigel, com um sorriso torto. – Por outro lado, se Deus estivesse mesmo prestando atenção, Ele teria lançado um raio naquela víbora muitos anos atrás.

– Talvez Ele tenha decidido que o que Beaton merecia era a morte lenta e dolorosa que enfrenta agora.

– E nós vamos garantir que ele morra sozinho.

– Tudo o que você falou sobre os planos de Beaton faz muito sentido, mas o sujeito deve estar louco para achar que vão dar certo. Ele pode até conseguir fazer com que os outros acreditem que Eric é seu filho, ou, na pior das hipóteses, impedir que as pessoas o contestem abertamente. Mas, no meio dessa intriga toda, ele se esqueceu de levar em consideração nosso irmãozinho Eric. O rapaz pode ser um pouco franzino de corpo e doce por natureza, mas não é fraco nem idiota. O plano de Beaton não irá funcionar, a não ser que Eric represente seu papel conforme instruído. No instante em que Beaton baixar a guarda, o garoto vai fugir daquele antro de loucos.

– Verdade, mas há muitas maneiras de prender um garoto tão franzino – disse Nigel, suspirando e esfregando o queixo enquanto lutava mais uma vez para controlar as emoções. – Também sabemos que há muitas maneiras de obscurecer a verdade na cabeça de uma pessoa. Homens feitos, cavalei-

ros fortes e endurecidos pela batalha já foram forçados a confessar crimes que não cometeram. As confissões arrancadas de seus lábios custaram suas vidas e os condenaram a mortes que não foram nem rápidas nem honradas. Sim, Eric tem o espírito forte e o raciocínio rápido, mas não deixa de ser um garoto magricela.

– E está sozinho – murmurou Balfour, reprimindo o impulso de partir de imediato para Dubhlinn com a espada em punho, exigindo a cabeça de Beaton. – Amanhã, haja vitória ou derrota, pelo menos o menino saberá que não está sozinho, que seu clã luta por ele.



A aurora chegou vestida com uma capa cinza e gelada de névoa. Junto à multidão diante da muralha externa de Donncoill, Balfour avaliava seus homens esforçando-se para reprimir o pensamento sombrio de que alguns deles não retornariam da batalha. Mesmo se Eric não fosse tão amado por todos em Donncoill, a honra exigia que eles o resgassem do inimigo. Balfour desejou que houvesse uma forma de atingir esse objetivo sem derramamento de sangue.

– Vamos lá, irmão – murmurou Nigel enquanto trazia os cavalos de ambos até Balfour. – Você tem que parecer faminto pelo sangue de Beaton, sem a menor sombra de dúvida da vitória.

Balfour acariciou, distraído, o pescoço musculoso de seu cavalo de batalha.

– Sei bem disso. Assim que montarmos, nunca me verão vacilar. Passei muitas horas rezando para que tivéssemos um período de paz, um tempo para curar todas as feridas, ganhar força e trabalhar o solo. Existe muita riqueza nesta terra, mas nunca temos a oportunidade de lavrá-la ao máximo. Ou a negligenciamos para ir à guerra ou nossos inimigos destroem tudo o que fizemos e nos obrigam a começar de novo e de novo. Isso me dá um cansaço profundo.

– Eu compreendo. Isso também me aflige de tempos em tempos. Mas desta vez estamos lutando pela vida de Eric. Talvez até mesmo pela alma dele. Não pense em nada além disso.

– É o que farei. Isso é mais que suficiente para aticar a sede de sangue de que preciso para liderar meus homens em batalha.

Balfour montou e esperou que o irmão fizesse o mesmo, então começou a conduzir os homens para fora da fortaleza.

Enquanto cavalgava, Balfour fez o que Nigel sugerira e não pensou em nada além de seu gentil irmão mais novo. Logo já estava mais do que ansioso para enfrentar as espadas de Beaton e seus homens. Também já havia passado da hora de dar cabo daquele homem e de seus crimes.



Nigel caiu do cavalo com uma flecha cravada no peito e outra na perna direita. Balfour rugiu de forma violenta, a voz amplificada pelo medo e pela ira. Desmontou e abriu caminho entre o próprio exército sitiado até chegar ao irmão. Agachando ao lado de Nigel, sem se importar por ficar exposto à chuva mortal de flechas que vinha das muralhas de Dubhlinn, logo percebeu que o irmão ainda respirava.

– Graças a Deus – disse ele, e chamou dois homens para levantarem Nigel.

– Não, não podemos recuar só porque estou ferido – protestou Nigel, enquanto era carregado para a retaguarda do exército, que era uma área mais segura. – Não podemos deixar os bastardos vencerem.

Balfour ordenou que seus homens preparassem uma padiola para Nigel, e então encarou o irmão.

– Beaton já havia ganhado a batalha antes mesmo da nossa chegada a este campo amaldiçoado. Ele sabia que viríamos atrás de Eric e estava preparado.

Balfour agarrou um pajem pálido e assustado, arrastando-o para longe do grupo de jovens que se amontoavam perto dos cavalos.

– Anuncie a retirada, rapaz. Vamos fugir deste campo antes que acabemos todos enterrados nele.

Enquanto o rapaz se afastava, Nigel vociferava xingamentos.

– Que os olhos daquele desgraçado apodreçam dentro das órbitas!

– A derrota é mesmo uma bebida amarga – disse Balfour, ajoelhando-se ao lado do irmão. – Entretanto, esta batalha já está perdida. Só o que nos resta neste campo é a morte, e isso não ajudaria em nada o pequeno Eric. Dubhlinn é mais forte do que eu me lembrava, mais forte do que me preparei para enfrentar. Precisamos escapar, lamber nossas feridas e pensar em outra forma de libertar nosso irmãozinho das garras de Beaton. Vocês aí – chamou ele, apontando para os dois rapazes mais altos dentre os pajens apavorados –, venham segurar Nigel enquanto eu arranco essas flechas.

Assim que os rapazes flanquearam Nigel, segurando-o com firmeza, Balfour se pôs a trabalhar. Quando extraiu a primeira flecha, Nigel soltou um grito e desmaiou. Balfour sabia que aquilo não libertaria o irmão da dor, e removeu o mais rápido que pôde a segunda flecha. Rasgou tiras da própria camisa para fazer ataduras para as feridas, franzindo o cenho ao notar a imundície do tecido. Quando, por fim, colocou Nigel na padiola, seus homens já batiam em retirada, e ele os seguiu sem perder tempo.

A derrota deixara um nó de amargura em seu estômago, mas ele se forçou a aceitá-la. No instante em que conduziu seus homens para o terreno aberto que cercava Dubhlinn, Balfour pressentira que havia cometido um erro. Antes que pudesse detê-los, porém, o ataque começara. As defesas de Beaton se mostraram fortes e mortais. Com um misto de raiva e tristeza, Balfour vira seus homens serem feridos e mortos, até finalmente conseguir libertá-los do massacre. Não podia fazer nada além de torcer para que o clã não pagasse um preço alto demais pelo erro de seu senhor. Enquanto o exército marchava de volta para Donncoill, com um grupo escolhido a dedo para vigiar a retaguarda, Balfour rezava para encontrar uma forma de libertar Eric sem derramar mais sangue – ou, pelo menos, não tanto sangue quanto o que ensopava os campos ao redor de Dubhlinn naquele dia amaldiçoado. Voltando o olhar para Nigel, que começava a despertar, rezou também para que a liberdade de um de seus irmãos não custasse a vida do outro.



Os sons aterrorizantes da batalha destruíram com crueldade a paz e o prazer daquela manhã atipicamente quente de primavera. Maldie Kirkcaldy praguejou e hesitou em sua marcha determinada até Dubhlinn – uma caminhada que começara no túmulo da mãe, três longos meses antes. Quando o corpo amortalhado fora posto em seu local de descanso final, Maldie jurara fazer o senhor de Dubhlinn pagar muito caro por todo o mal que trouxera a elas. Maldie tinha se preparado com cuidado para todas as eventualidades – tempo ruim, falta de abrigo e falta de comida. Jamais considerara a possibilidade de que uma batalha a detivesse.

Maldie sentou na beira da estrada castigada pelo trânsito constante de carroças e olhou, carrancuda, para Dubhlinn. Por um breve momento,

pensou em se aproximar. Talvez fosse útil descobrir qual dos clãs vizinhos tentava destruir Beaton. No entanto, acabou descartando aquela ideia tentadora. Seria perigoso chegar tão perto da batalha, ainda mais quando ninguém em nenhum dos lados a conhecia. Até mesmo para as pessoas que acompanhavam os soldados e eram reconhecidas tanto por aliados quanto por inimigos, aproximar-se representava risco de vida. Poderia conhecer os inimigos de Beaton depois, pensou. Aí só teria que convencê-los de que ela era aliada deles – e uma aliada forte e útil.

Riscando distraidamente a terra com um graveto, Maldie balançou a cabeça e riu da própria tolice.

– Ah, claro! Afinal, todos os guerreiros deste país vivem bradando aos quatro ventos que estão loucos para se aliarem à pequena Maldie Kirkcaldy.

Depois de uma olhadela rápida ao redor para confirmar que estava mesmo sozinha, Maldie arrumou os cabelos grossos e rebeldes, xingando a si mesma. Ela podia ser pequena e magra, mas conseguira sobreviver três meses em terras desconhecidas sem contar com ninguém. Ser cautelosa a mantivera viva; seria loucura mudar de estratégia – ainda mais estando tão perto de cumprir sua promessa. Nunca passara tanto tempo tendo apenas os próprios planos de vingança como companhia, e a solidão devia estar começando a afetar sua cabeça. Maldie sabia que teria que ser ainda mais cuidadosa do que fora até então. Uma derrota àquela altura, estando tão perto de conseguir a vingança pela qual a mãe tanto implorara, seria realmente amarga.

Os sons da batalha ficaram menos intensos e ela se empertigou, levantando-se devagar. Seus instintos diziam que a batalha estava no fim. A estrada exibia as marcas do uso recente. Aquele exército logo voltaria pelo mesmo caminho, inebriado pela vitória ou encurvado pela derrota. Ambos os humores podiam representar uma ameaça a ela.

Maldie bateu a poeira das saias muito remendadas e recuou na direção da cobertura grossa dos arbustos e das árvores esculpidas pelo vento que ladeavam a estrada. Não era o abrigo mais seguro, mas Maldie tinha certeza de que seria suficiente. Se o exército a caminho dali viesse vitorioso, estaria pouco preocupado com alguma ameaça em potencial. Se tivesse perdido, os homens estariam mais preocupados em vigiar a retaguarda. De qualquer forma, ela estaria segura se permanecesse imóvel e silenciosa.

Maldie se agachou entre os arbustos e ficou observando a estrada. Depois de um tempo, começou a achar que tinha deduzido errado, que ninguém

viria por aquele caminho. Então ouviu o tilintar distante mas inconfundível dos arreios de cavalos. Seu corpo se retesou e ela ficou inquieta, tentando decidir o que fazer. Embora seu orgulho garantisse que ela estava se saindo muito bem sozinha, Maldie sabia que seria útil ter alguns aliados. Na pior das hipóteses, talvez conseguisse arrumar um lugar mais confortável para esperar enquanto decidia a melhor forma de usar todo o conhecimento que havia adquirido ao longo dos três meses anteriores.

Tinha acabado de se convencer de que os inimigos de Beaton eram seus amigos e que só teria a ganhar ao abordá-los quando teve o primeiro vislumbre do exército, e sua confiança vacilou. Mesmo a distância, o grupo que vinha marchando de Dubhlinn parecia derrotado. Se cavaleiros treinados, protegidos por armaduras e espadas, não conseguiam derrotar Beaton, como ela poderia ter esperanças de conseguir? Maldie logo se repreendeu por duvidar de si mesma. No entanto, não conseguiu descartar com tanta facilidade as dúvidas a respeito dos homens que cambaleavam na direção dela. Se, apesar da forma e da habilidade, aqueles homens havia sido derrotados por Beaton, como poderiam lhe ser úteis? Quando os homens chegaram perto o bastante para que ela pudesse ver a tristeza, a dor e o cansaço estampados nos rostos imundos, ela compreendeu que precisava se decidir de uma vez por todas. Um aliado derrotado uma vez era melhor do que aliado nenhum, foi o que disse a si mesma enquanto se levantava. Na pior das hipóteses, eles poderiam ter informações que ela não possuía e que poderiam ajudá-la a atingir seu objetivo: matar Beaton. Isto é, se eles não a matassem primeiro. Rezando para que não estivesse a caminho da morte, Maldie voltou para a estrada.

CAPÍTULO DOIS

Maldie torceu para que o cavaleiro alto e moreno que freava o cavalo com cuidado à sua frente não notasse a força com que o coração dela estava batendo. Porém o homem não fez nenhum movimento ameaçador, e ela se forçou a se acalmar. Ao sair do abrigo da vegetação espessa e se revelar

ao combalido exército em retirada, Maldie estava confiante de que a possibilidade de ganhar um aliado justificava o risco que correria. No entanto, ao se ver cara a cara com aqueles homens, observando os olhares frios em seus rostos, a lama e o sangue da batalha manchando seus corpos e roupas, ela já não teve tanta certeza. Para piorar, não sabia se conseguiria dar uma explicação satisfatória para estar ali, sozinha, no meio da estrada para Dubhlinn, e muito menos se poderia revelar de imediato seus obscuros planos de vingança. Aqueles homens eram guerreiros, e o que ela planejava não era uma batalha, e sim um assassinato em busca de justiça.

– A senhorita pode me explicar o que uma mocinha como você está fazendo sozinha nesta estrada? – perguntou Balfour, libertando-se do magnetismo dos grandes olhos verdes da mulher.

– Talvez eu só queira ver mais de perto o estrago que o velho Beaton causou em sua tropa – respondeu Maldie.

Ela se perguntou, meio atônita, por que aquele homem de ombros largos e olhos escuros lhe provocara uma reação tão perigosamente atrevida. – Sim, o bastardo venceu a batalha – concordou Balfour, com a voz rouca e fria de raiva. – A senhorita por acaso é uma carniceira que veio roer os ossos dos mortos? Porque, se for, é melhor sair da nossa frente e seguir por esta estrada, pelo caminho de onde viemos.

Ela decidiu ignorar o insulto, que merecera, afinal, ao escolher tão mal as palavras que dissera antes.

– Sou Maldie Kirkcaldy, de Dundee.

– A senhorita está muito longe de casa. Por que está vagando por este lugar amaldiçoado?

– Estou à procura de parentes meus.

– Quem são? Talvez eu conheça a família e possa ajudá-la a encontrá-los.

– É muito gentil de sua parte, mas acho que o senhor não poderia me ajudar. Meus parentes certamente não teriam como conhecer um homem bem-nascido como o senhor.

Antes que ele pudesse perguntar algo mais, ela voltou a atenção para o homem na padiola. – Seu companheiro parece estar muito ferido, senhor. Talvez eu possa ajudar.

Maldie se aproximou do homem caído, ignorando a maneira com que o imenso cavaleiro se retesara, tentando bloqueara passagem dela com um movimento sutil.

– Sem falsa modéstia e sem exageros, sou uma excelente curandeira – concluiu ela.

A confiança que dava peso às palavras dela fez com quem Balfour lhe abrisse caminho, mesmo a contragosto. Não estava nada satisfeito por ter sido convencido com tanta facilidade pelas palavras de uma mulher, e não era sábio confiar tão rápido em uma estranha. Era impossível negar que ela era uma beldade – do cabelo revoltado negro como um corvo até as botas que calçavam seus pés pequenos –, e Balfour repreendeu a si mesmo, sabendo que deveria tomar cuidado para não perder a cabeça por causa de um rostinho bonito. Ele se posicionou do outro lado da padiola de Nigel e ficou observando com muita atenção enquanto a pequena mulher puxava as saias e se ajoelhava ao lado do irmão dele.

– Sou sir Balfour Murray, senhor de Donncoill, e este é meu irmão Nigel.

Balfour se agachou para poder vigiar cada movimento dos dedos pálidos e delicados da jovem, enquanto a própria mão ficava pousada de leve no punho da espada embainhada.

– Ele foi ferido quando nosso inimigo traiçoeiro nos atraiu para uma armadilha.

Maldie avaliava os ferimentos de Nigel, tomando decisões rápidas sobre o que deveria ser feito pelo homem. Amaldiçoava em silêncio a falta de suprimentos apropriados, enquanto dizia em voz alta:

– Não canso de me surpreender por os homens acreditarem que os outros seguirão as regras da guerra com honra. Se fossem um pouco mais precavidos, talvez sofressem menos baixas.

Maldie torceu o nariz ao remover rapidamente os trapos imundos que cobriam os ferimentos de Nigel.

– Seria razoável esperar que um homem que conquistou a honra de ter um título de cavaleiro agisse de maneira condizente com sua posição – retrucou Balfour.

Ela deixou escapar um leve som de desdém, fazendo com que ele franzisse o cenho. Foi só um barulhinho, mas carregava consigo uma rica carga emocional – raiva, amargura e uma completa falta de respeito. Embora o vestido preto de tecido grosseiro indicasse uma origem humilde, a mulher não demonstrava o respeito profundo que seria de esperar em relação a um homem com o status dele – assim como não o demonstraria a alguém ainda mais bem-nascido, se é que ele estava certo sobre ela. Balfour se pergun-

tou o que teria acontecido para que ela ficasse daquele jeito, então percebeu que não era problema dele.

Ficou observando com atenção enquanto ela lavava as feridas de Nigel e as enfaixava para conter o sangramento. O irmão dele já começava a parecer mais relaxado. Balfour notou que ela não exagerara ao elogiar as próprias habilidades de cura. Era quase como se o mero toque das mãos dela já fosse o suficiente para aliviar a dor. Maldie afagou o cabelo de Nigel, afastando-o da testa, e Balfour se pegou pensando em como seria a sensação daquelas mãos pequenas de dedos longos percorrendo a pele dele. Ficou sobressaltado com a maneira com que seu corpo se retesou e fez um esforço para afastar aquele pensamento e a excitação inoportuna que ele invocara.

Ao observar a mulher com atenção, teve que admitir que a atração era muito justificada. Ela era bem pequena e seu vestido velho estava gasto e justo, moldando-se ao corpo magro e curvilíneo de forma sedutora. Tinha seios volumosos e firmes, cintura fina e tentadores quadris arredondados. Para uma mulher tão pequena, suas pernas eram bastante longas. Finas e bem-torneadas, com pés quase tão pequenos quanto os de uma criança. Uma tira de couro escurecida tentava, sem muito sucesso, manter presos os cabelos negros e revoltos, e cachos grossos e bem-definidos lhe caíam no rosto, acariciando as bochechas pálidas. Seus olhos verdes eram tão grandes que quase sobrecarregavam o rosto pequeno em formato de coração. Os lindos olhos eram emoldurados por cílios pretos, longos e grossos, e acentuados à perfeição por sobrancelhas castanhas delicadamente curvadas. O nariz dela era pequeno e reto até a pontinha, onde fazia uma curva leve e repentina para cima. Tinha lábios carnudos e tentadores e um queixo bonito e evidentemente obstinado. Balfour se perguntou como ela podia parecer tão jovem e delicada e, ao mesmo tempo, tão sensual.

“Eu a desejo”, pensou ele, com uma mistura de espanto e divertimento. O divertimento era por conta de desejar uma mulher tão pequena, imperitine e descabelada. O espanto se devia à rapidez e à ferocidade com que a desejava, pois nunca quisera uma mulher de forma tão repentina e tão intensa. A fome que ela despertava nele era tão profunda e tão forte que quase o assustava. Era o tipo de fome capaz de levar um homem a agir de forma pouco sábia. Ele se forçou a limpar a mente e pensar apenas na saúde de Nigel.

– Meu irmão já parece melhor – disse Balfour.

– Suas palavras são gentis, mas indicam que o senhor sabe pouco sobre cura – redarguiu Maldie enquanto sentava sobre os calcanhares e limpava as mãos na saia, erguendo os olhos para encontrar o olhar sombrio de Balfour. – Só o que fiz foi lavá-lo para tirar o sangue e a sujeira, depois refiz as ataduras com panos mais limpos. Não tenho o material necessário para cuidar das feridas dele de maneira apropriada.

– E do que a senhorita precisa?

Os olhos de Balfour se arregalaram enquanto ela recitava uma longa lista, cheia de nomes irreconhecíveis para ele.

– Não trago nenhum desses itens para a batalha – disse ele, por fim.

– Talvez o senhor devesse trazer, já que é na batalha que homens tolos acabam feridos desse jeito.

– Não é tolice tentar resgatar um irmão caçula das garras de um homem como Beaton.

Quando ela tentou responder, ele a deteve com um gesto seco que cortou o ar.

– Já passei tempo de mais aqui. Não há como ter certeza de que os cães de Beaton voltaram para o canil. Eles podem estar à espreita na nossa retaguarda. Nigel também precisa de abrigo e cuidados.

Maldie se levantou espanando as saias.

– Sim, ele precisa mesmo; é melhor se apressarem.

– A senhorita cuidou muito bem dele, mesmo sem o material de que precisava. Imagino que milagres será capaz de realizar quando tiver acesso a tudo o que quiser.

– Do que está falando?

– A senhorita irá para Donncoill conosco.

– Então o senhor está me fazendo prisioneira?

– Não. Será minha convidada.

Ela abriu a boca, pronta para recusar de maneira firme, mas acabou cerrando os lábios e engolindo as palavras rudes. Não era hora de ser teimosa e rebelde. Forçou-se a lembrar das muitas vantagens que poderia ter ao juntar o destino dela com o de sir Balfour. Assim como ela, ele estava em guerra com sir Beaton e, embora tivesse perdido a batalha daquele dia, ele ainda tinha homens e armas capazes de infligir um dano verdadeiro e duradouro ao senhor de Dubhlinn. E ela teria abrigo e comida durante o tempo necessário para tramar sua vingança.

Por outro lado, também havia desvantagens, pensou, aborrecida. Estava claro que Beaton tinha feito algo muito ruim contra sir Balfour. Se ele descobrisse quem era seu pai, ela poderia acabar em apuros. Também poderia correr perigo caso ele descobrisse o motivo de ela estar na estrada para Du-bhlinn. Se fosse com ele, ela teria que enganá-lo, e seus instintos diziam que sir Balfour Murray não era um homem que perdoava com facilidade quem o enganasse. O plano dela de conquistar um aliado ficava cada vez mais difícil.

Outra possível complicação lhe ocorreu enquanto o avaliava. Reconheceu a expressão de seus belos olhos escuros; era um olhar que ela já vira inúmeras vezes. Ele a desejava. E o que a preocupava era sentir que o próprio corpo lhe correspondia, algo que nunca acontecera. A luxúria daquele cavaleiro moreno não despertava nela nem a ira nem o nojo nem o desprezo causados pelos outros homens.

Apesar da preocupação, ela também estava curiosa. Não dava para negar que ele era bonito, mas ela já vira outros homens tão belos quanto ele. Seu corpo longilíneo tinha uma força esbelta que só uma cega não apreciaria. O rosto dele era um refresco para os olhos: malares altos, nariz longo e reto, maxilar firme. Os cabelos, de um castanho profundo, eram grossos e ondulados, na altura dos ombros e com um tênue brilho avermelhado que se revelava quando o sol batia. No entanto, foram os olhos que despertaram de vez o interesse dela. Eram de um castanho rico e suave, emoldurados por cílios negros grossos e encimados por sobrancelhas escuras e levemente arqueadas. Um pouco abalada pelo olhar penetrante dele, ela olhou para a boca dele, mas logo decidiu que aquele era um lugar perigoso para observar. Ele tinha o lábio inferior um pouco mais volumoso do que o superior. Ela imaginou como seria beijá-lo.

Desviou o rosto, apressada, e pegou sua pequena sacola.

– O senhor é muito gentil por me oferecer abrigo, mas a primavera já segue avançada e restam poucos meses de tempo bom à frente. Não posso fazer uma pausa agora. Preciso encontrar meus parentes antes que seja forçada a buscar abrigo durante o inverno.

– Se o tratamento de Nigel demorar muito, a senhorita pode se abrigar em Donncoill.

Ele a agarrou pelo braço e a guiou na direção do cavalo dele.

– Nigel precisa muito das suas habilidades.

– Então, meu senhor, isso não é um convite, é uma ordem.

Balfour a agarrou pela cintura estreita e a colocou na sela, pensando consigo mesmo que ela precisava de umas boas refeições, pois não pesava muito mais que uma criança.

– Sua estada em Donncoill seria muito mais prazerosa se tentasse pensar nisso como um convite.

– Ah, é? Não sei se consigo mentir tanto para mim mesma.

– Pois faça um esforço.

Ele sorriu e Maldie sentiu a respiração acelerar. O sorriso dele era atraente em sua total honestidade. Não havia falsidade ou arrogância por trás daquele sorriso torto, só um ar de diversão que ele, em silêncio, a convidava a compartilhar. Naquele momento, ela percebeu que o risco vinha não apenas da aparência dele, mas também do próprio homem que ele era. Começava a parecer que sir Balfour Murray possuía muitas das qualidades de que ela se convencera, havia muito tempo, que nenhum homem poderia ter. Isso só dificultaria ainda mais a tarefa de guardar seus segredos.

Ela deu um pequeno sorriso.

– Como queira, meu senhor. Quando seu irmão estiver curado, ficarei livre para partir?

– Claro – respondeu ele, ao mesmo tempo que se perguntava por que fora tão difícil lhe dar aquela garantia.

– Então é melhor partirmos logo, sir Murray. O dia está passando rápido e seu irmão não deve se expor à friagem que vem depois do pôr do sol.

Balfour assentiu, gesticulando para que seus homens voltassem à marcha e entrando no ritmo da tropa, enquanto caminhava ao lado do irmão. Notou que Maldie não tinha nenhum problema com o cavalo, embora o animal puxasse a padiola. Na verdade, a montaria dele parecia até feliz por carregar aquela moça minúscula, e as orelhas estavam viradas para trás, como se o animal estivesse ansioso para ouvir as palavras que ela murmurava.

– A mocinha também leva jeito com animais – comentou Balfour, olhando para o irmão.

– Sim, leva jeito com cavalos e homens – murmurou Nigel.

– Por que está tão incomodado? Ela aliviou sua dor. Dá para ver em seu rosto.

– Minha dor melhorou. A jovem tem mesmo uma mão boa. Ela também é bonita e tem os olhos mais lindos que já vi. Ainda assim, você não sabe quem ela é. Ela está escondendo algum segredo, Balfour. Tenho certeza.

– E por que ela iria nos contar tudo sobre a vida dela? Assim como nós não a conhecemos, ela não nos conhece. A mocinha é cuidadosa, só isso.

– Tomara que eu esteja pressentindo só isso mesmo, uma cautela natural quando se trata de estranhos. Neste momento, é perigoso confiar rápido demais em alguém, e é ainda pior deixar uma mulher bonita mexer com sua cabeça. Um passo em falso poderia custar a vida do pequeno Eric.

Balfour franziu a testa e ficou fitando as costas de Maldie. Nigel estava certo. Era um momento ruim para deixar que uma mulher bonita influenciasse seus pensamentos. Não conseguiu permitir que ela partisse, mas jurou ter muito cuidado. A família dele já sofrera demais com as consequências de uma luxúria impensada. Ele não repetiria os erros do pai.



Maldie avistou Donncoill assim que o grupo deixou para trás um trecho de vegetação cerrada. A propriedade ficava no topo da pequena colina que eles começavam a subir. Tinha uma aparência ao mesmo tempo segura e ameaçadora. As terras ao redor pareciam férteis, capazes de conferir aos Murrays uma riqueza que muitos escoceses invejariam, mas ela só precisou de uma olhada rápida para perceber que a propriedade não era usada em todo o seu potencial, que permanecia sob as vastas expansões de campos sem pasto e solo ainda por lavrar. Maldie deduziu que a batalha do dia fosse só uma dentre tantas outras e que a constante necessidade de lutar roubava o tempo que os homens deveriam dedicar à colheita para poder desfrutar ao máximo a riqueza da terra. Ela se perguntou, com tristeza, se algum dia os homens seriam capazes de compreender tudo o que perdiam por causa das brigas e guerras constantes.

Maldie pôs de lado esse pensamento sombrio. Lamentar-se por coisas que nunca conseguiria mudar não traria nada de bom, e ela voltou a atenção à fortaleza para onde cavalgavam. Protegida por altas muralhas de pedra, Donncoill não havia sofrido a mesma negligência das terras que a circundavam. Dava para ver que a estrutura original fora fortificada e ganhara expansões que se ramificavam a partir da antiga torre quadrada, que ainda se destacava, proeminente, em meio às adições mais recentes. À direita da velha torre atarracada havia uma ala que levava a uma segunda torre, mais estreita. Outra ala à esquerda ligava a velha estrutura a uma

construção que claramente se tornaria mais uma torre. Quando Maldie era criança, a mãe lhe contara histórias sobre os grandes castelos da França e da Inglaterra. Maldie imaginou que sir Balfour já devia ter visto aqueles lugares ou ouvido os mesmos contos, pois o castelo que ganhava forma por trás da cortina grossa de muralhas logo se igualaria a qualquer construção das narrativas impressionantes de sua mãe.

– O trabalho é lento – disse Balfour, surgindo ao lado dela e tomando as rédeas do cavalo.

– Talvez deversem passar mais tempo com a espada guardada na bainha – falou Maldie, torcendo para não transparecer que ele a deixara abalada, tanto pela aparição repentina quanto pela proximidade.

– Eu adoraria poder fazer isso. Infelizmente Beaton não compartilha do meu desejo de paz.

– O senhor fala sobre paz, no entanto marcha para a guerra. Não suponha que Beaton o tenha convidado a atacar as muralhas dele.

– Ah, mas ele convidou, sim. Não teria sido mais claro nem se tivesse mandado um arauto. Ele sequestrou meu irmão mais novo, Eric. Os homens dele invadiram minhas terras e pegaram o garoto enquanto ele caçava.



– Então ele já esperava que partissem enfurecidos para os portões dele.

Balfour assentiu, constrangido por ser confrontado com a própria estupidez.

– Esperava. No instante em que minha cavalaria adentrou a clareira diante da fortaleza dele, percebi que o ataque tinha sido um erro. Então eu o chamei para negociar comigo, tentei resolver o assunto sem derramamento de sangue. Ele propôs que conversássemos, e eu fui idiota a ponto de aceitar. Era uma armadilha. Ele só queria que eu chegasse perto o suficiente para me matar e desestabilizar meu grupo. Quase conseguiu. No entanto, as flechas dele erraram o alvo, e meus homens são mais inteligentes que eu, pois nunca confiaram que Beaton quisesse a paz.

– E mesmo assim o senhor ficou lá por tempo suficiente para que ele rapinasse as suas forças.

– A senhorita não entende... – começou ele a dizer.

Balfour se perguntou, por um instante, por que se dava o trabalho de se explicar e ensinar sobre guerra àquela mulher, então percebeu que ape-

nas gostava de conversar com ela. Além disso, também suspeitou que fosse uma tentativa de justificar o fracasso amargo para si mesmo.

– Meus homens ficaram enfurecidos pelo golpe baixo dele – prosseguiu ele – e estavam loucos para vingar o sangue derramado. Estão tão cansados quanto eu desta guerra constante e foram possuídos pela fúria. Só levei um instante para perceber que seríamos derrotados, mas não é fácil argumentar com pessoas capturadas pelas garras da guerra e da sede de vingança. Quanto Nigel se feriu, eles recobram a razão por tempo suficiente para atender à minha ordem de retirada.

– E Beaton ainda está com seu irmão.

Maldie sentiu uma onda de compaixão por Balfour, mas o sentimento não era bem-vindo. Não queria desperdiçar sua preocupação com as dificuldades e os problemas dele, porque ela já os tinha de sobra.

– Sim, mas pelo menos o pequeno Eric agora sabe que os Murrays vão lutar por ele.

– E por que duvidaria disso? Ele é seu irmão.

Balfour franziu a testa, hesitante, então decidiu que não havia necessidade de segredo.

– Na verdade, é meu meio-irmão. Meu pai dormiu com uma das esposas de Beaton, e o homem acabou descobrindo. Quando Eric nasceu, Beaton deixou o bebê na encosta de um morro para que morresse. Um de nossos homens o encontrou. Não foi difícil descobrir quem ele era e por que tinha sido abandonado.

– E assim começou a contenda.

– Sim, assim começou a contenda. Nem mesmo a morte do meu pai foi capaz de dar fim a ela. Agora a briga tem outro motivo. Beaton quer declarar Eric o filho homem que ele nunca foi capaz de gerar. Pretende usar o garoto como escudo entre ele e os que cobiçam o que ele tem. Temos que resgatar Eric antes que a doença deixe Beaton fraco demais para lutar contra os lobos ou lhe tire, por fim, a vida.

– Beaton está morrendo?

Maldie mordeu o interior da boca até sentir os olhos arderem de lágrimas. Nem precisou ver os olhos de Balfour se estreitarem para perceber que reagira de maneira suspeita à novidade. Sua voz saíra aguda demais, com muita emoção. Ficou irada, até mesmo assustada, só de pensar que a idade e a doença de Beaton pudessem roubar sua vingança. Se ele morresse por

conta própria, ela não teria como cumprir a promessa que fizera à mãe. Maldie sabia que todos esses anseios haviam se manifestado de maneira clara em sua voz. Rezou para conseguir despistar sir Murray e sua curiosidade.

– Sim, foi o que me disseram – contou ele, avaliando-a com cuidado, confuso pelo rastro repentino de emoção que cruzara o lindo rosto de Maldie e desaparecera com a mesma rapidez.

– Peço desculpas – disse Maldie. – Por um breve momento, só consegui pensar que o senhor estava erguendo suas espadas contra um homem velho e doente. Mas então me lembrei da situação de seu irmão.

– A senhorita não tem muita fé na honra dos homens, não é mesmo?

– Não. Nunca tive motivos para acreditar que tal coisa exista.

O olhar dela se fixou nos imensos portões de ferro de Donncoill, que já estavam a poucos metros deles.

– Em uma fortaleza tão formidável como esta, sem dúvida há uma curandeira, de modo que o senhor não precisa de fato de minhas habilidades.

Ela encarou Balfour, mas ele só respondeu com uma olhadela rápida, antes de se virar para a própria fortaleza.

– Tínhamos uma curandeira muito boa, mas ela morreu há uns dois anos. A mulher que ela tentou treinar como substituta não é nem inteligente nem habilidosa. Usa sanguessugas para toda e qualquer enfermidade. Muitas vezes tenho a sensação de que os tratamentos dela aceleraram a morte de meu pai.

– Sanguessugas – murmurou Maldie, balançando a cabeça, contrariada. – Elas até têm seu proveito, mas, na maioria das vezes, são usadas sem necessidade. Com o tanto de sangue que seu irmão perdeu, o corpo dele já está livre de maus humores e venenos.

– Faz sentido.

– No entanto, não desejo ofender essa mulher com minha presença.

– E não ofenderá. Ela não gosta do ofício. Só se dedica a ele porque não há outra pessoa que possa ou deseje fazê-lo. E porque ele lhe confere certo prestígio. Posso muito bem encontrar alguma outra ocupação que garanta a ela um lugar de honra equivalente entre as demais mulheres.

Maldie apenas assentiu em silêncio, pois toda a sua atenção se voltou para a muralha por que passavam. Estava apinhado de gente lá dentro, e quase ninguém prestava atenção nela. Logo em seguida, os lamentos começaram, e ela se forçou desesperadamente a ignorá-los. Desde muito pe-

quena, fora capaz de sentir o que os outros sentiam, de modo que o pesar daqueles que haviam perdido entes queridos em batalha a sufocava, e a dor deles dilacerava suas entranhas. Mais uma vez, como tantas outras, Maldie lamentou que a mãe não a tivesse ajudado a descobrir uma maneira de se proteger daquelas cargas emocionais, mas logo se repreendeu por ser uma filha tão ingrata. Afinal, suas habilidades incomuns tinham suas utilidades e, vez ou outra, haviam lhe rendido algum dinheiro – sempre muito necessário, por sinal. Respirou fundo e tentou se acalmar limpando a mente e o coração dos sentimentos que vinham dos outros.

– Está se sentindo mal? – perguntou Balfour ao ajudá-la a desmontar do cavalo, preocupado com a palidez repentina e a frieza de sua pele.

– Não, estou apenas cansada – respondeu ela, voltando depressa a atenção para Nigel. – Ele deve ficar em repouso na cama. A jornada na padiola foi difícil e o sol está se pondo e vai levar o resto do calor do dia.

– Acho que a senhorita também precisa descansar.

Ela discordou, balançando a cabeça, enquanto seguia os homens que carregavam Nigel para a torre.

– Eu ficarei bem. Acho que foi só a jornada a cavalo. Seu corcel é impressionante. Só precisei de leves toques e palavras suaves para que me obedecesse, mas não estou acostumada a cavalgar. Não se preocupe, sir Murray, estou bem-disposta o suficiente para curar seu irmão e mandá-lo de volta para a batalha.

Balfour deu um leve sorriso e ficou vendo Maldie seguir seu irmão torre adentro. Por um momento, ao chegarem, ela parecera ter sido tão afetada pela dor das mulheres enlutadas que ele achara que ela fosse desmaiar. Depois, embora ainda estivesse pálida e um pouco trêmula, ela recobrou o jeito impertinente que parecia costumeiro. Nigel estava certo. Havia algo misterioso naquela mulher. Em um piscar de olhos, ela passava da compaixão para o desprezo. Além disso, houvera a estranha reação dela à notícia de que Beaton estava morrendo. A explicação da jovem não soara genuína.

Ele ainda desejava a pequena Maldie Kirkcaldy mais do que seria lógico, mas prometeu a si mesmo que teria cuidado. Com a vida de Eric pendendo por um fio, ele não poderia permitir que a luxúria sobrepujasse a sabedoria. Maldie Kirkcaldy guardava um ou dois segredos, e ele ia fazer de tudo para descobri-los, mesmo enquanto se esforçasse para satisfazer o desejo que sentia por ela.